



Igor Marcos Lemos Silva

**O Movimento Junino no Maciço de Baturité**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Igor Monteiro Silva

REDENÇÃO – 2018

Igor Marcos Lemos Silva

## **O Movimento Junino no Maciço de Baturité**

Trabalho de conclusão de curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

REDENÇÃO – 2018

# SUMÁRIO

<b>1.TEMA.....</b>	<b>4</b>
<b>1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>4</b>
<b>2.OBJETIVOS.....</b>	<b>4</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	4
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
<b>3.OBJETO .....</b>	<b>5</b>
3.1 PROBLEMA GERAL.....	5
3.2 PROBLEMAS ESPECÍFICOS.....	5
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>4.JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>5.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>12</b>
5.1 TRADIÇÃO X MODERNIDADE.....	12
5.2 TRADICIONAL X ESTILIZADA.....	13
5.3 FLUXO, LIQUIDEZ, CORRENTE E HIBRIDAÇÃO CULTURAL.....	16
5.4 IDENTIDADE E RECONHECIMENTO .....	18
.....	18
<b>6.METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>7.CRONOGRAMA.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## **1. TEMA**

O movimento junino no Maciço de Baturité .

### **1.1. Delimitação do Tema**

A dinâmicas do movimento junino no Maciço de Baturité

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Analisar o processo de dinâmica, rupturas e permanências do movimento junino no maciço de baturité.

### **2.2. Objetivos Específico**

- 1- Conhecer o movimento junino no maciço de baturité.
- 2-Discutir sobre o aspecto “popular” do movimento junino do maciço de baturité.
- 3- Identificar e refletir sobre as rupturas e permanências no movimento junino no maciço de baturité.

### **3. OBJETO**

#### **3.1. Problema Geral**

Como e de que forma o movimento junino do maciço de baturité se dinamizou ?

#### **3.2. Problemas Específicos**

1- O que é o movimento junino?

2- O que é Tradição? O que é Modernidade?

3- O que é hibridação cultural? O que é liquidez? O que é fluxo? O que é corrente?

4- Até que ponto o movimento junino no maciço de baturité se configura como um movimento popular?

5- O que permanece e o que mudou no movimento junino no maciço de baturité ?

## INTRODUÇÃO

A aspiração para pesquisar sobre as dinâmicas do movimento junino surgiu pela própria experiência de estar inserido no meio junino. Tendo doze anos de quadrilheiro, percebendo que essas mudanças não são efêmeras e com a oportunidade de contextualizar e aprofundar a pesquisa sobre o assunto, manifestou-se o desejo de desenvolver uma discussão sobre o que ainda permanece e o que mudou dentro de uma perspectiva popular, questões como Tradição e Modernidade e as dinâmicas decorrentes do movimento junino, para assim partir para uma análise detalhada das quadrilhas juninas do Maciço de Baturité e sua linha de segmento, seja ela “Tradicional” ou “Estilizada”.

Para uma melhor compreensão, será analisado duas quadrilhas localizadas no Maciço de Baturité, uma do segmento Tradicional (Quadrilha Pôr-do-Sol de Mulungu-Ceará) e outra respectivamente, do segmento Estilizada (Arraiá da Liberdade de Redenção-Ceará), para que a partir da sondagem das mesmas, consiga assim atingir o resultado e além disso, mostrar esse contraste cultural.

O cenário junino na década de 90 na cidade de Mulungu era intenso e significativo, em especial pela força que as escolas do município exerciam, ao organizarem grupos juninos e festivais na cidade. Com o passar dos anos, as quadrilhas foram se desfazendo, os festivais sumindo, mas a semente foi plantada, e os frutos vieram no ano de 2007, quando três amigos, Damiana Lima, Gislene Vieira e Pedro Paulo Moreira, decidiram se juntar e criar um grupo que reviveria esse amor pelo movimento junino e se tornaria um dos grupos de maior destaque do Maciço de Baturité e do estado do Ceará.

O desejo daqueles jovens de transmitir o amor pelo São João foi se realizando, com passar dos anos, a consolidação do grupo foi se intensificando, muitos saíram, mas muitos também se agregaram ao grupo, recebendo além de Mulunguenses, outras pessoas da região.

O nome da quadrilha nasce em alusão ao Mirante da Chapada do Lameirão, localizado na cidade de Mulungu, que tem uma linda vista do pôr-do-sol.

**Imagem 1:** Registro da Quadrilha Pôr-do-Sol na temporada de 2017



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Em Redenção, o movimento junino sempre foi muito expressivo, haja vista que a cultura sempre foi muito presente na cidade, e não seria diferente no São João. Com a Liberdade aconteceu que, ao terminar seus estudos no Centro Educacional Cenecista Perboyre e Silva(CNEC), um grupo de amigos resolveram fundar um grupo junino que seria levado para além dos muros da CNEC.

Foi assim que em 13 de Junho de 2000, aqueles jovens amantes do São João com impossibilidade de dançarem na escola, resolveram se juntar para não deixar morrer aquela paixão. Foi assim que Viviane Medeiros, João Victor Castro, Lidiane Medeiros, Laíze Luna, Bruno Castro, Eneylhe Pinheiro, João Paulo, Daniele Pontes, dentre outros, resolveram fortalecer aquele grupo do colégio que era chamado de Fulô da Maresia.

O grupo foi se potencializando de uma maneira tão rápida, que foi ganhando destaque significativo no Maciço de Baturité e em todo Ceará, ficando entre as 10 melhores quadrilhas do estado do Ceará no ano de 2003, ganhando também troféu destaque interior, seus destaques também sempre muito premiados, principalmente a Rainha Junina Laíze Luna, que foi considerada a melhor do interior, e no ano de 2011, a mesma ganhou o título de melhor rainha do Ceará, quando a mesma dançou num dos maiores e mais significativos grupos juninos do estado do Ceará na atualidade, a Junina Babaçu.

O Arraiá da Liberdade foi se consolidando no cenário junino, participando de festivais até fora do estado, dando ainda mais destaque ao grupo, que foi eleito pelo concurso Ceará Junino promovido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT-CE) como melhor quadrilha do Maciço de Baturité por quatro vezes (2003, 2006, 2015 e 2016), tetracampeã representando a região na etapa estadual.

Por estar localizada em Redenção-Ceará, e pela cidade ser conhecida historicamente como a primeira a abolir a escravidão no Brasil, a sugestão do nome “Arraiá da Liberdade” foi aceita por todos pelo valor simbólico que a palavra por si só traz, confirmando o anseio de todos os envolvidos para encontrar um nome que não fosse aleatório e que tivesse significado para eles.

**Imagem 2:** Registro do Arraiá da Liberdade no ano de 2016



Fonte: Arquivo Pessoal (2016)

É muito importante compreender essa dimensão da Identidade Cultural, para entender a alteridade dentro de uma mesma cultura. Apesar de todas estarem estabelecidas num mesmo movimento, faz-se necessária a análise das particularidades de cada, pois é nesses detalhes que a riqueza da cultura se mostra de maneira tão plural e agregadora. A diversidade vai se fortalecendo através dos laços que são concebidos nas relações do movimento junino, e naturalmente cada sujeito vai identificando seu lugar de pertença.

## 4. JUSTIFICATIVA

Tendo em vista o processo de transformação do movimento junino no Maciço de Baturité e sua contribuição para o fortalecimento da cultura, faz-se necessário a análise da dualidade existente nesse meio, no que diz respeito aos grupos juninos. Sejam elas intituladas “Tradicionais” ou “Estilizadas”, as quadrilhas juninas se tornaram o símbolo maior de representatividade do São João.

Ao longo dos anos, percebe-se uma grande mudança no que se refere às festas juninas, principalmente a economia sazonal. Pequenos e médios empreendedores aproveitam essa época do ano para trabalhar dobrado, sendo também um agente colaborador, sejam eles, sapateiros, costureiros, artesãos ou músicos, cada um faz a sua parte, porque além do valor econômico, existe também a satisfação pessoal de participar direta ou indiretamente da construção e valorização de uma das maiores e mais popular festa do País.

O movimento junino é dinâmico, alguns atributos são abandonados, outros incorporados, num processo contínuo de mudança. Esse processo de transformação não é algo “novo”, ocorre desde o começo, lá no berço, com a popularização das quadrilhas que saíram das Côrtes para os salões das províncias e aos poucos foi chegando às ruas, aos clubes populares e as regiões rurais.

Os ritmos Europeus dão lugar aos ritmos Nordestinos como o baião, xote, xaxado e as indumentárias de veludos e sedas são substituídas pela as chitas coloridas, pelas fitas e chapéus de palha, num processo contínuo de transformação que perdura até os dias atuais, onde se pode observar a substituição das chitas por outros tecidos. O figurino é um dos princípios básicos do São João, e ele tem uma importância peculiar dentro da temática abordada e também na contribuição do êxito do trabalho que as juninas se propõem a apresentar.

As quadrilhas juninas passaram a apresentar espetáculos de músicas, teatro e dança, que através das interferências históricas e culturais, vão sendo adicionadas dentro de um contexto contemporâneo, resgatando riquezas históricas e culturais.

Mas o que se pode garantir, é que essa cultura nunca sai de moda, mesmo com tantas dificuldades enfrentadas, cada vez mais se fortalece e ganha notoriedade na sociedade, pela garra, dedicação, suor e empenho de querer levar essa cultura adiante.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar esse processo de transformação do movimento junino, bem como identificar o que ainda permanece e o que mudou no mesmo, entendendo o complexo sistema de organização que passa desde a escolha do tema, a construção da narrativa do casamento matuto, as coreografias, os figurinos, ensaios e como resultado do trabalho dos pontos citados anteriormente, a apresentação performática da quadrilha junina.

Inicialmente, esta investigação partirá dos estudos de Anthony Giddens (2001), Eric Hobsbawm (1997), Stuart Hall (2005) e Néstor Garcia Canclini (1997). Será necessário, também, ir a campo e para isso será realizada uma pesquisa qualitativa com observação participante e entrevista para somente, assim, proporcionar uma discussão acerca do processo de transformação do movimento junino no estado do Ceará, trazendo conhecimento do que se faz necessário analisar entre o tradicional e moderno, tendo como base dessa pesquisa, algumas quadrilhas juninas do estado que se disponibilizaram para contribuir através de sua jornada no mundo junino, para o enriquecimento da mesma.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O movimento junino já conquistou um patamar significativo no cenário cultural brasileiro. Mesmo sendo celebrada em todo o país, é no Nordeste que o São João ganha uma maior visibilidade.

A celebração dessa grande festa, traz à tona e evidencia a diversidade do nosso País. É nesse período que destaca-se a profusão do movimento junino, tanto pela sua riqueza de multiplicidade, quanto pelo seu valor simbólico e cultural.

Grandes nomes como Luiz Gonzaga, Marinês, e Dominginhos, tiveram uma grande influência na consolidação das festas juninas no Nordeste, com a ascensão de suas músicas em todo o Brasil, fortaleceu a riqueza da musicalidade nas quadrilhas juninas, com a introdução de ritmos nordestinos como forró, baião e outros. O movimento vai se popularizando em toda a região, e no Ceará se enraíza. Segundo a SECULT-CE (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará), o estado já possui muitos mais de 200 grupos juninos federados, tanto tradicionais, quanto estilizados. A secretaria de cultura abre anualmente um edital de apoio aos grupos juninos do estado, que tem como objetivo identificar e difundir tradições regionais cearenses direcionadas para os festejos juninos.

Para ajudar na compreensão da Fundamentação teórica desta pesquisa, é necessário apresentar alguns recortes.

### 5.1. TRADIÇÃO X MODERNIDADE

Nesse primeiro recorte, faz-se necessária uma atenção particular no que concerne a discussão acerca de Tradição e Modernidade. Carlos Serra (2006) diz que “diferenciar tradição da modernidade pertence, portanto, ao conjunto das nossas domesticações históricas mais simples”. De uma maneira geral é

como se a tradição aparecesse como algo que se repetisse e estivesse ligada a memória e ao passado, enquanto a modernidade fosse o diferencial, o devir.

Uma "herança" não é um pacote fechado que passamos de mão em mão sem abri-lo, mas um tesouro de onde sacamos com as mãos repletas e que renovamos na operação mesmo de sacá-lo. Toda tradição vive graças à interpretação. É a este preço que ela dura, quer dizer, permanece viva. (Ricoeur, Paul. 1978, p.27.)

Entende-se que a interpretação é o cerne da tradição, uma vez que não interpretada, a tradição morre.

Eric Hobsbawm (1997) centraliza todo seu empenho para defender sua ideia de que “toda tradição é inventada”, a partir de uma análise feita pelo mesmo em sociedades ditas tradicionais. Já Anthony Giddens (2001), escolhe dentre outras opções, se referir à tradição a começar pela análise dos processos de transformação ocorridos e construídos pela modernidade.

Os dois autores trazem consigo um ponto comum que é o “tempo” como um fator determinante, e que para eles, o mesmo não está associado apenas ao caráter cronológico, mas também ao caráter dialético. Vale ressaltar que mesmo com todo processo de modernidade, ainda assim o seu desenvolvimento não consegue suprir as culturas populares.

## 5.2. TRADICIONAL X ESTILIZADA

Quando se fala de quadrilhas juninas, logo vem a pergunta: A sua junina é tradicional ou estilizada? Essa distinção é instituída por aqueles que fazem

parte do movimento junino, que passa por um processo de reconhecimento de um lugar de pertença. O termo “Estilizado” está presente no meio junino e é inerente ao processo de dinamização do movimento. É comum a discussão acerca dessa dualidade, desse binário, uma vez que o caminho que as mesmas percorrem é igual, no movimento junino, estilizado e tradicional é julgado por igual.

As quadrilhas tradicionais são formadas por grupos que utilizam indumentárias com tecidos de chita e fitas, sem o brilho de pedrarias. Tem como característica bem marcante, a presença do chapéu de palha, com passos bem marcados e tradicionais, conduzidos por músicas populares, ao som do zabumba, triângulo e sanfona.

Já as quadrilhas estilizadas são compostas por grupos cada vez mais ousados, que pensam “para além” do viés tradicional. As suas indumentárias são bordadas com muito brilho de pedrarias e strass, roupas luxuosas tanto femininas, quanto masculinas. Há compositores destinados somente para composição de músicas para as quadrilhas, de acordo com o tema, que é mudado a cada temporada, além disso os grupos musicais das quadrilhas estilizadas dão suporte a todo processo de criação temática das juninas, tocando vários estilos, além do forró e baião, que vai de acordo com a escolha do tema proposto, e ainda contam com a adição de outros instrumentos, além do zabumba, a sanfona e do triângulo, como bateria, percussão, violão, violino, baixo, etc.

No cenário estadual, temos o exemplo da Junina Babaçu, que fundada em 1989, teve o seu retorno no ano de 2011, se consolidando como melhor quadrilha do estado, ganhando o Festival Cearense daquele ano. A quadrilha já representou o Ceará em diversos concursos, tem o título de PentaCampeã cearense, TriCampeã no Festival Brasil Junino, com participação de quadrilhas de todo o Brasil, e BiCampeã do Festival de Quadrilhas Juninas do Nordeste que acontece anualmente e tradicionalmente em Pernambuco.

Já no maciço de Baturité, o Arraiá da Liberdade é um nome muito forte que também se coloca nesse lugar de quadrilha estilizada. A mesma é TetraCampeã do Ceará Junino, etapa do Maciço, já dançou e ganhou em diversos festivais por todo o Ceará e também dançou fora dele, é um dos nomes mais importantes quando se fala de quadrilhas juninas que estão fora da capital cearense, as ditas, quadrilhas do interior do estado.

A representação de um símbolo de referência, também é comum no movimento, e vale ressaltar que o Arraiá da Liberdade é referência quando se fala de destaques juninos (Rainha, Casal de Noivo, Marcador) que desde sua fundação obtêm-se êxito em festivais, inclusive ganhando.

Os “quadrilheiros” vão construindo características distintas e próprias, sem se desvincular do cerne da dança, do movimento junino. Para Lucena Filho (2013) às quadrilhas vêm sofrendo várias modificações estéticas, musicais e coreográficas ao longo do tempo. Como efeito resultante dessas modificações, surge o que se chama de quadrilha estilizada, com aspectos contemporâneos. Mas como forma de resistência, têm-se também as quadrilhas tradicionais, que de forma corajosa busca a valorização e o respeito também pela tradicionalidade.

O que mais distingue as juninas tradicionais das estilizadas hoje em dia, são as indumentárias, além disso, um dos princípios básicos do São João é o colorido, pois, é um dos subquesitos para julgar a harmonia das quadrilhas em festivais, é importante ter e mesmo muitas quadrilhas estilizadas não utilizando mais o chitão, é necessário usar flores ou aplicações que lembram esse tecido.

No movimento junino temos o exemplo da Quadrilha Cheiro de Terra, criada e desenvolvida pela Cia de Dança e Movimentos Culturais e Arte Folclórica da cidade de Horizonte-Ce, fundada em setembro de 1997, e desenvolve um trabalho de pesquisa, formação, difusão e valorização das tradições da cultura popular.

Não abandonou o estilo tradicional, e mesmo assim ganhou destaque e grande relevância no cenário junino cearense, após ganhar Festivais

importantes como Etapa final dos Festejos “Ceará Junino” XII e XIV, Campeã Cearense em 2010 e 2012 pela entidade junina FEQUAJUCE (Federação de Quadrilhas Juninas do Ceará) e no mesmo ano de 2012 ganhou Campeonato de Quadrilhas do Nordeste, também em 2012, no 3º lugar no Campeonato Nacional, disputando contra grupos estilizados, conseguiu se sobressair e ganhar êxito no cenário nacional.

No Maciço de Baturité, temos a quadrilha Pôr-do-Sol que também se reconheceu nesse lugar de um estilo mais tradicional, também desbancou quadrilhas estilizadas durante seus dez anos de existência, desconstruindo a ideia de que quadrilhas tradicionais não ganham mais festivais juninos.

Prova disso, é que a quadrilha nos últimos anos, com o crescimento e investimento cada vez maior nas quadrilhas estilizadas, conseguiu ficar entre as três melhores quadrilhas do maciço no concurso Ceará Junino, que elege aquela junina que irá representar na etapa estadual, a sua região.

Não é o segmento que vai dizer quem será a melhor quadrilha, o trabalho bem executado, planejado, que tenha todo um sentido de começo, meio e fim, e de passar a mensagem que a quadrilha propôs anteriormente.

Questionamentos sempre são levantados por quadrilheiros acerca do favorecimento às quadrilhas estilizadas, muitos alegam que o julgamento é desigual, mas o que vemos a cada dia, é a desigualdade desse binário tradicional/estilizado se igualando, juninas tradicionais ganhando títulos em festivais importantes, um espaço preenchido habitualmente por juninas estilizadas. Viva o estilizado, mas tem que respeitar o tradicional, afinal de contas não se pode “passar adiante” esquecendo as bases e deixando de transmitir os costumes, elas são, primordialmente necessárias para a manutenção e pluralização da cultura popular.

### 5.3. FLUXO, LIQUIDEZ, CORRENTE E HIBRIDAÇÃO CULTURAL.

No mundo contemporâneo podemos afirmar que os processos culturais

estão sempre em fluxo. Para Ulf Hannerz (1997), o conceito de cultura está referido ao uso de corrente. Já que as culturas estão sempre em deslocamento, indo de um lugar para o outro.

Junto com esses deslocamentos culturais e o processo de corrente, o mesmo autor também disserta que cultura está dentro de um processo de hibridização. Onde as culturas estão sendo interligadas, misturando-se e ganhando novas faces. E neste caso de movimentação cultural, os processos culturais estão dentro de redes de atores, que estão sempre modernizando/renovando algumas culturas e refletindo diretamente sobre elas. O que ocorre também no movimento junino

E por meio destas correntes culturais, das hibridizações culturais, todas as culturas dentro de um conceito de liquidez, podemos afirmar que elas são implementadas para os atores. Eles usam em determinado tempo, eles moldam esta cultura e depois passam esta cultura para as próximas gerações. Desta forma, amplificando ainda mais os processos de fluxo, liquidez, corrente e hibridização cultural.

A maneira como hoje falamos sobre a cultura em fluxo, sobre as regiões onde as culturas se encontram e dos agentes e produtos da mistura cultural é, em certos aspectos, diferente até da antropologia de dez anos atrás. Mas talvez possamos ainda ouvir aqui os ecos da história de tipo *stop-go*, *on-off*, das antigas antropologias da interconexão, parcialmente desvinculadas entre si ao longo do tempo. A linguagem mutável da antropologia talvez revele um pouco do que nos sobrou na memória, um pouco do que ficou quase esquecido, um pouco do que foi reinventado (Hannerz, ulf. 1997, Rio de Janeiro).

É essa busca, de resgatar o que outrora fora esquecido, que muitos grupos juninos tradicionais se mantêm e optam pelo segmento tradicional,

como uma forma de resistência, na busca de não deixar morrer a riqueza cultural e tradicional que faz parte do patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Permanece até hoje os passos tradicionais que são exigidos tanto pela SECULT-CE, quanto pelas entidades juninas. Houve um tempo em que a chita sumiu, porém ela está sendo resgatada novamente para os figurinos. As pesquisas temáticas para as juninas estão cada vez mais elaboradas, o que antes era apenas uma homenagem, hoje se trabalha com “Tema”, que é uma lista de artigos associados a um mesmo título que exige contextualização de começo, meio e fim.

#### 5.4. IDENTIDADE E RECONHECIMENTO

Refletindo primeiramente o conceito de Identidade, se analisarmos unicamente a palavra de modo direto no dicionário, Identidade é o conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento.

Sendo assim, pode-se entender a identidade como um estado de reconhecimento, e que está para além dos interesses individuais, quando a identidade serve para identificar grupos, dentro do contexto abordado neste estudo, os grupos juninos, onde sujeitos vão se identificando e se agrupando naquilo que para os mesmos são pontos comuns dentro de um movimento junino tão diverso.

Para Hall,

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não são literalmente impressas em nosso genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (2005, p.47).

Essa construção simbólica de identidade, se dá pela interação dos sujeitos inseridos nesse campo. Dentro do cenário junino, não se pode pensar numa identidade autêntica, que abarque todos os grupos juninos, uma vez que quando se define esses sujeitos e os seus respectivos grupo, os limitam, por isso é fundamental a importância dessa diversificação, para que existam outras possibilidades dos quadrilheiros se encaixarem dentro de um grupo pela identificação do mesmo e não somente por falta de opção.

Para Ortiz (2006), a cultura popular é uma pluralidade de manifestações folclóricas e que não compartilham, plenamente, peculiaridades comuns, o que seria mais correto de chamá-las de Culturas Populares, no plural.

Pensar a potencialidade dos movimentos juninos, como expressão simbólica, que exprime interesses individuais e coletivos, é confirmar a sua atuação na sociedade efetivamente. É um movimento que carrega em si, muito mais do que a dança, pois tem conseqüentemente um papel de agente transformador, educador e socializador.

É fundamental pensar que essas dinâmicas, rupturas e permanências do Movimento Junino, fazem com que a identificação dos sujeitos seja mais inteligível, e além disso realça a diversidade de uma cultura que não é fixa e que modifica através das relações dos sujeitos.

Canclini (2008) aponta em sua obra, a diferença entre Híbridação e Interculturalidade, o autor salienta que o primeiro conceito seria a mistura, combinação de elementos de diferentes culturas de forma agradável, e o segundo seria uma relação de tensão, conflitos e discriminação.

Partindo desse ponto, pode-se observar que existem também dentro do movimento junino, relações interculturais, muito embora seja quase que inevitável a falta de conflitos por conta de interesses, é necessário buscar respeitar as diversidades. Mesmo que exista dentro no movimento algo instituído de Tradicional ou Estilizado, é muito importante que haja diálogo e

respeito entre os diferentes grupos, para que juntos possam ajudar o movimento junino tanto em visibilidade, quanto na sustentabilidade do mesmo.

## **6. METODOLOGIA**

Ao pensar em trabalhar sobre os processos de dinâmica do movimento junino no maciço de baturité, logo em seguida veio o desejo de observar tudo aquilo que se passava no processo de construção.

Por ser um grande desafio pesquisar sobre esse tema, e pela preocupação de formular uma análise ou estabelecer conclusões que sejam precipitadas, frívolas e influenciadas por juízo de valor estabelecido por convicções próprias, é muito importante se inserir no universo a ser estudado, de uma maneira “desarmada”.

Bourdieu (1989) em sua obra enfatiza a importância de cuidar da construção do objeto científico, de que esse objeto não está isolado de suas relações que são indissociáveis. É importante romper com o senso comum. A partir da participação do pesquisador com o objeto pesquisado, o mesmo vai obtendo configurações teóricas. Ao perceber as particularidades desse objeto, vai se adquirindo uma postura de flexibilidade, ruptura, e assim estar dando uma brecha para novas possibilidades.

Outra grande contribuição para essa pesquisa, é a obra de Wright Mills (1965), que nos ajuda a “sair da bolha”, interligar o particular ao universal, a teoria e prática e através do pensamento sociológico e da sociologia como potência desalienadora, contribui para uma melhor filtragem, avaliação e reflexão acerca do que vemos e ouvimos.

Mills (1965) também fala que “é tolice projetar um estudo de campo se for possível encontrar a resposta em uma biblioteca”, ou seja, não se deve explorar algo que já se foi explorado.

Ao observar o campo, é necessário ter também o que o Roberto Cardoso (1996) vai chamar de “olhar etnográfico”, que seria um olhar propriamente treinado, sensibilizado, de examinar atentamente o campo, com informações e teorias disponíveis previamente adquiridas.

Antes de entrevistar, tive o cuidado de estar visitando os ensaios, onde pude perceber o quão diferentes são as maneiras em que as quadrilhas se utilizam para a organização dos seus espetáculos. Pude perceber muitos conflitos, disputas internas por lugares privilegiados, discrepância nos locais de ensaio, como por exemplo, enquanto uma quadrilha de Redenção tem um espaço de ensaio grande, com som, outra quadrilha do mesmo município ensaia numa escola, com espaço reduzido e limitado, tendo que se submeterem à um calendário disponibilizado pelo município, com datas disponíveis para ensaio. Presenciei dias que o espaço estava ocupado, e mais de sessenta pessoas voltarem pra casa, por falta de lugar para ensaiar. Além dessa observação participante, visitando quadrilhas do maciço de Baturité, entrevistei alguns quadrilheiros.

Tendo em vista a pesquisa qualitativa, de caráter subjetivo e capaz de apresentar resultados que não seriam possíveis analisar numericamente, como um método para buscar compreender o processo de transformação do movimento junino, foi realizada entrevistas com componentes de diversos grupos juninos do maciço de Baturité, que compartilharam um pouco da sua experiência adquirida no meio junino.

Eliziane Nascimento de 29 anos de idade, que relata como se inseriu no meio Junino no ano de 2005. A mesma afirma ter tido curiosidade de conhecer tal cultura, onde no mesmo período estava também ingressando em um grupo folclórico do município de Redenção-Ce. Ex-Rainha da Quadrilha junina Arraiá Pé de Serra de Redenção, porém participa de forma indireta até hoje.

Bruno Miranda Freitas de 26 anos de idade, começou a dançar quadrilha no ensino fundamental, e em 2008 ingressou em um grupo pequeno de sua cidade Capistrano-Ce, chamado Raízes do Sertão, onde permaneceu até 2009. Também é ex-brincante da quadrilha Pé e Chão de Aracoiaba, e Arraiá da Liberdade de Redenção. Atualmente o mesmo é jurado de festivais promovidos pela SECULT-CE.

Bruno de Castro Santos de 33 anos, iniciou sua vivência junina ainda na infância. Por todo o período colegial, participou das festas juninas, e no ano de 2000 foi um dos fundadores do Arraiá da Liberdade de Redenção-Ce, um dos grandes grupos juninos do interior do Ceará. Além disso foi coreógrafo, marcador, par da rainha. Atualmente é Coreógrafo da Quadrilha Pôr-do-Sol de Mulungu-Ceará, Arraiá Queima Fogueira de Itapiúna-Ceará, preparador de destaques, jurado pela UNIÃO JUNINA (Entidade Cearense de Federação de Quadrilhas Juninas) e pela SECULT-CE.

Para os entrevistados, esse processo de transformação contribuiu para grandes mudanças no movimento, como as indumentárias, onde os mesmos relatam que eram bem mais simples, de comprimentos maiores, sem bordados e nem interferências de outros materiais, eram de estilo caipira e não tinha rigor em ser condizente com os temas propostos. Para eles, o que mudou acerca do tradicional, foi as indumentárias, os grupos musicais, e que apesar de se transformarem, ainda permanecem elementos tradicionais até hoje.

## 7. CRONOGRAMA

	2017.1	2017.2
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	X	
COLETA DE DADOS	X	
ANÁLISE DE DADOS		X
ENTREGA DO PROJETO		X

## REFERÊNCIAS

**BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 1989.**

**CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.**

**CANNADINE, David. Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a "invenção da tradição", c. 1820 a 1997. In: HOBBSAWM, Eric et al. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 111-174.**

**CASTRO, Janio Roque Barros de. A ESPETACULARIZAÇÃO DAS FESTAS JUNINAS NO ESPAÇO URBANO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DE PROMOÇÃO DO TURISMO CULTURAL NO RECÔNCAVO BAIANO. Salvador-BA, 2010.**

**DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, p. 13-37, 1996.**

**GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. 1990. Disponível em: <[http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens, Anthony/ANTHONY GIDDENS - As Consequências da Modernidade.pdf](http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequ%C3%AAncias%20da%20Modernidade.pdf)>.**

**HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.**

**HANNERZ, Ulf. FLUXOS, FRONTEIRAS, HÍBRIDOS: PALAVRAS-CHAVE DA ANTROPOLOGIA TRANSNACIONAL. 1997. Disponível em: <[http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Hannerz\\_Fluxos-fronteiras-híbridos.pdf](http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Hannerz_Fluxos-fronteiras-h%C3%ADbridos.pdf)>.**

**MILLS, Charles Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.**

**OLIVEIRA, W. F. Santos e festas de santo na Bahia. Salvador, Conselho Estadual de Cultura, 2005.**

**ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 2006.**

**RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história. São Paulo: Casa do Editor, 2002.**

**RICOEUR, Paul, O Conflito das Interpretações: Ensaio de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978, p.27.**